

A SOMBRA NOS CONTOS DE FADA

Kellen Nayara de Souza¹, Simone Silva Iamim Chequer², Karina Araújo Ferreira³

Resumo: Os contos de fada instituíram-se ao longo dos séculos como importantes instrumentos para a expressão do pensamento mítico, possibilitando, através de seus personagens, identificar e reconhecer o lado luminoso, como também a própria sombra, além dos conflitos internos e os medos. O presente estudo teve como objetivo a apresentação do conceito junguiano de sombra, utilizando como referência o conto A Bela e a Fera. Para tanto partiu-se do rastreamento bibliográfico de Von Franz, além de outros comentadores contemporâneos ao pai da psicologia analítica, que abarcam um considerável conhecimento sobre a temática. É possível observar a partir do referido conto, que o ideal de ego é extirpado à medida que bem e mal, beleza e feiura, luminosidade e sombra, se expressam como condição de todos. Por fim, deve-se ressaltar que, a análise aqui realizada não teve como objetivo esgotar as reflexões sobre o tema, tendo em vista que o conceito e o conto abordados permitem uma vasta análise.

Palavras-chave: A bela e a fera, psicologia analítica, ideal de ego

Introdução

Os contos de fada constituíram ao longo dos séculos, instrumentos para a expressão do pensamento mítico, atraindo crianças e adultos. Suas histórias retratam problemas humanos, individuais e coletivos que são universais, como uma das formas de existir do sujeito, o que os tornam de grande contribuição

¹ Graduanda em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: kellenaiara@gmail.com

² Graduanda em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: simonechequer@gmail.com
Graduando em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: karinaaraujo.psi@gmail.com

³ Graduando em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: karinaaraujo.psi@gmail.com

psicológica. O significado mais profundo de um conto é diferente para cada criança e até mesmo para a mesma, dependendo dos interesses e necessidades do momento de vida em que se encontra (BETTELHEIM, 2013).

Na psicologia junguiana representam a expressão de processos psíquicos do inconsciente coletivo, possibilitando desta forma, compreender as estruturas humanas básicas. Através de seus personagens, vilões ou mocinhos, é possível identificar e reconhecer a própria sombra, os conflitos internos e os medos. (VON-FRANZ, 1999). O que é rejeitado ao longo da vida se constitui como a sombra, e, portanto, faz parte da psique humana.

Compreende-se como sombra os atributos inconscientes do sujeito, sendo estes pouco conhecidos ou desconhecidos pelo mesmo. Ao ser investigada, percebe-se que consiste em elementos pessoais e coletivos, repletos de tendências e impulsos, por vezes vergonhosos e rejeitados pelo sujeito, o que dificulta sua aceitação e integração ao self. Deve-se enfatizar como processo importante na constituição da personalidade, enxergar e admitir a existência da sombra. (VON-FRANZ, 1985).

Apreendendo este conceito ilustrado pelo conto A Bela e a Fera, é possível compreender a partir do “belo”, o lado virtuoso - consciente, e da “fera” a parte obscura – inconsciente que constitui o sujeito. É percebido ao longo do enredo, que a fera, apesar de sua aparência ameaçadora, não é tão amedrontadora quanto parece, possibilitando visualizar o lado bom e o mau inerente a todo ser humano (CHVATAL, 2007). Diante do exposto, objetiva-se com este trabalho, analisar o conceito junguiano de sombra, utilizando como referência o conto A Bela e a Fera.

Material e Métodos

Trata-se de uma análise do conceito junguiano de sombra, a partir do conto A bela e a Fera. O levantamento de dados se deu pela leitura dos livros A sombra e o mal nos contos de fadas (1985); A interpretação nos contos de fadas (1999) de Von Franz; e Contos de fadas: histórias para crianças ou metáforas da vida humana,

artigo de Chvatal (2007). Utilizou-se também das contribuições de Bettelheim, (2013), por intermédio de seu livro *A Psicanálise dos contos de fadas*, o qual contempla uma estrutura considerável sobre a temática. A análise deste trabalho parte, portanto, de uma revisão bibliográfica, tendo como base a perspectiva junguiana.

Revisão Bibliográfica

De acordo com Von-Franz (1985) o conto de fadas exprime a estrutura psicológica elementar do sujeito, concebendo-se como importante material psicológico para a reflexão de traços humanos. Difere-se do mito, na medida em que se basta em seus elementos, migrando melhor, e sendo compreendido independentemente da civilização, onde o mito se insere em geral. Ainda segundo a autora, embora os contos de fada também sejam influenciados pela civilização, não se comparam ao mito, pois possuem aspectos inteligíveis a qualquer pessoa, apesar da cultura e sociedade. Como postula Bettelheim (2013) atingem crianças e adultos, lidam com questões humanas universais e falam a todos os níveis de personalidade, diferentemente de qualquer outra forma de literatura.

Importa dizer que, ao contrário de muitos contos infantis modernos, os contos de fada incluem o mal, assim como o bem; isto é, o mal é onipresente tanto quanto a virtude. Isto deve-se ao fato de que o bem e o mal, são inerentes a vida humana, portanto, fazem parte de todo o homem (BETTELHEIM, 2013). Como afirma CHVATAL (2007) existem dois lados no sujeito, um inconsciente, obscuro, e outro consciente e luminoso, o qual tende a obedecer a imposições morais, como a perfeição e beleza. Negar a existência desse lado obscuro é arriscado, ao passo que este, é parte do sujeito, e pode se manifestar em toda sua potencialidade quando desconhecido ou mesmo rejeitado.

Em vista disso, reconhecer a existência do mal, é fundamental para a integração dos aspectos que constituem o indivíduo, tornando-o quem realmente é. No conto *A Bela e a Fera*, observa-

se a relação entre o belo, bondoso, admirável, e o feio e terrível, representado pela Fera. No decorrer deste enredo, o que era visto como excepcionalmente obscuro, apresentou seu lado luminoso também, demonstrando a relevância da “integração de conteúdos inconscientes pelo consciente” (p.3). Segundo Von-Franz (1985, p.11) a sombra se constitui por elementos inconscientes, que deveriam integrar-se ao complexo do ego, mas por uma série de razões, não o são.

Neste sentido, ao refletir sobre a constituição da personalidade consciente do sujeito, ressaltam-se os esforços para a incorporação de aspectos valorizados culturalmente, ou seja, o ideal de ego; aquilo que o indivíduo deseja ser, e que o faz rejeitar características incompatíveis com os padrões estabelecidos (CHVATAL, 2007). Estas características inaceitáveis, e por vezes reprimidas, são elementos pelos quais a sombra se constrói. Assim, a sombra pode ser definida como um conjunto de elementos inconscientes, individuais e coletivos, que integram o sujeito, embora sejam desconhecidos ou rejeitados, devido a sua discordância com os aspectos idealizados e exigidos culturalmente (VON-FRANZ, 1985).

O conto A Bela e a Fera, retrata a história de um jovem príncipe, transformado em fera por uma feiticeira, devido a sua incapacidade de amar e dar valor a beleza existente no interior das pessoas. Foi amaldiçoado, e apenas reverteria o feitiço, sob a condição de amar verdadeiramente e ser correspondido. Bela, uma jovem bonita e sonhadora, morava em uma pequena aldeia, na qual também viviam, Gaston, um admirador de boa aparência, mas extremamente rude e presunçoso; os demais aldeões e seu pai. Este, em uma de suas viagens noturnas, refugiou-se do frio dentro do castelo da Fera, e acabou aprisionado quando recolhia uma rosa do jardim para a filha, que logo foi em seu socorro, tornando-se prisioneira em seu lugar.

Na versão cinematográfica deste conto, produzida e modernizada pela Wall Disney, Bela, ao se deparar pela primeira vez com a Fera, se espanta e fica aterrorizada devido a sua aparência monstruosa e sombria. No entanto, estando presa, arrisca-se em um outro momento a investigar o interior do castelo, deparando-

se inesperadamente com o mesmo enraivecido, que a expulsa imediatamente. Muito assustada, a moça corre pela floresta durante a noite, e nesta fuga é atacada por lobos selvagens. A tempo é salva pela Fera, que sai ferida do embate.

Agradecida, a jovem o leva para o castelo e cuida de seus ferimentos. Durante este tempo juntos, os dois se apaixonam, e é possível observar que, mesmo com os aspectos monstruosos da Fera ainda presentes, seu lado virtuoso apresenta-se, havendo um entrosamento do belo ao feio, o que demonstra a possibilidade de integração destes elementos à consciência, bem como, de sua relação com o mundo (CHVATAL, 2007). Por fim, após Fera demonstrar ser bondoso e gentil, e Bela permanecer ao seu lado e declarar seu amor apesar de seu aspecto sombrio ainda ser presente, o mesmo retoma a sua aparência de príncipe. Ao aceitá-lo ainda enquanto monstro, Bela possibilita sua transformação, evidenciando que “a sombra não é tão monstruosa assim” (p.4).

O personagem Gaston, bonito, porém arrogante e egocêntrico, ao descobrir que Bela se interessava pela Fera, reuniu toda a aldeia para atacá-lo, expressando seu lado obscuro em toda sua potencialidade e consolidando-o em maior proporção. De acordo com Chvatal (2007, p. 3), como em um espelho invertido, o bem, visto antes em Gaston e os aldeões, transformou-se em mal, e a Fera, que representava o mal, transformou-se em bem. Desta forma, observa-se no conto uma importante representação da sombra: O príncipe era uma fera, mas também dócil e gentil; Gaston, não era o herói ideal e formoso que aparentava e fingia ser, e a feiticeira “má”, apesar da maldição, desejava ao príncipe a possibilidade de experimentar o verdadeiro amor e compreender a verdadeira beleza da vida.

Por intermédio deste conto, percebe-se que não há pessoas tão somente boas ou más, embora em muitos casos, um lado se consolide em maior ou menor proporção. Tornar a sombra consciente é tarefa complexa, pois demanda o reconhecimento de aspectos obscuros antes desconhecidos. Todavia, expressá-la e integrá-la à vida, é ainda mais, pois exige o enfrentamento de resistências pessoais e coletivas de difícil identificação, na medida em que se misturam aos

padrões morais e culturais, impostos e introjetados (VON-FRANZ, 1985, p.12). Por outro lado, ao decidir não aceitar a sombra, isto é, negá-la a qualquer custo, o sujeito pode ser apanhado pelas costas, sem a reflexão necessária, que o impediria de atuar destrutivamente em relação a si e os outros.

Considerações Finais

Os contos de fada constituem-se como instrumentos importantes, ao passo que ilustram processos humanos universais e possibilitam identificação, simbolização e elaboração dos mesmos. Além disso, são aparatos para lidar com os problemas do mundo, ao retratarem realidades interiores e exteriores ao sujeito. Em *A Bela e a Fera*, o ideal de ego, construído moral e culturalmente se retira, na medida em que bem e mal, beleza e feiura, luminosidade e sombra, se expressam não como exclusividade de alguns, mas como condição de todos. Em função disto, a sombra é reconhecida e integrada à consciência, e o mal não é mais, algo a ser extirpado a todo custo, mas a ser acolhido e compreendido.

Referências Bibliográficas

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fada**. São Paulo: Paz e Terra, p. 9 a 29, 2013.

CHVATAL, V.L.S. **Contos de fadas: histórias para crianças ou metáforas da vida humana**, 2007.

VON FRANZ, M.L.V. **A Interpretação Dos Contos de Fada**. São Paulo:Paulus, p.248, 1999

VON FRANZ, M.L. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, p. 16, 1985.